

□ Tempo de leitura: 12 min.

Francisco de Sales estava convencido de que “da boa ou má educação da juventude depende radicalmente o bem-estar ou o mal-estar da sociedade e do Estado”; ele também acreditava “que os colégios são como berçários e seminários, dos quais saem aqueles que mais tarde ocuparão cargos e posições, destinados a serem bem ou mal administrados na medida em que os enxertos tenham sido bem ou mal cultivados anteriormente”. Portanto, ele queria que “os jovens fossem educados igualmente em piedade e moral, assim como em letras e ciências”.

Escola, colégio e formação profissional em Thonon

A formação dos jovens nos estudos e na fé católica era particularmente urgente em Thonon, uma cidade próxima a Genebra. Vários projetos ocuparam o espírito de Francisco de Sales por muitos anos, na época em que ele era decano e, mais tarde, bispo.

Antes do retorno da cidade ao catolicismo, havia uma escola em Thonon fundada graças a um legado que garantia recursos suficientes para a educação de doze alunos. Em 1579, a educação era oferecida por duas ou três governantas. Com a restauração do catolicismo em Thonon, em 1598, o Decano de Sales pediu que o legado fosse usado para doze alunos “que fossem católicos”.

Mas o projeto que era mais ambicionado pelo coração do decano era trazer os padres da Companhia de Jesus para Thonon: “Quem acrescentasse a isso um colégio jesuíta nesta cidade, faria com que toda a área ao redor, que, no que diz respeito à religião, é quase completamente indiferente, participasse desse bem”. O Decano preparou um *Pró-memória* no qual afirmava com veemência a convicção geral: “Não há nada mais útil para esta província do Chablais do que construir um colégio da Companhia de Jesus na cidade de Thonon”.

No final de outubro de 1599, chegou um primeiro jesuíta, no final de novembro um segundo e os outros estavam a caminho, vindos de Avinhão. No final do ano, os jesuítas que chegaram a Thonon começaram com uma “pequena escola”, que teria cento e vinte alunos no ano seguinte. Como resultado das turbulências em 1600, eles foram dispersos por vários meses, depois do que começaram a escola novamente com cerca de trezentos alunos.

Mas qual seria a utilidade das escolas de gramática se, para as humanidades, os alunos fossem obrigados a frequentar colégios protestantes? Havia uma necessidade urgente de criar classes secundárias e superiores em filosofia, teologia, Sagrada Escritura e direito. No início de dezembro de 1602, tudo parecia pronto para a abertura do colégio e da futura universidade de Thonon.

Alguns dias depois, a tentativa fracassada do duque de Saboia de retomar Genebra fez com que os jesuítas se afastassem novamente. E logo foram forçados a se retirar definitivamente.

Após a partida dos jesuítas, a escola foi dirigida com a ajuda de pessoal local. O colégio de Thonon não teve nenhum desenvolvimento real até o final de 1615, quando o bispo convocou a congregação dos Barnabitas, já estabelecida no colégio de Annecy.

Enquanto os estudos literários estavam sendo providenciados, outro projeto mobilizava as energias do Decano e de seus colaboradores. Em 1599, Francisco de Sales defendeu a fundação de uma “hospedaria de todas as ciências e artes”, ou seja, um tipo de escola profissional com uma tipografia, uma fábrica de papel, uma oficina mecânica, uma passamanaria e um arsenal.

A ideia de uma instituição para formação nas “artes e ofícios” deve ser enfatizada, porque o aprendizado normalmente ocorria em casa, com o pai ensinando seu ofício ao filho destinado a sucedê-lo, ou junto a um artesão. Por outro lado, pode-se observar que Francisco de Sales e seus colaboradores estavam interessados em ofícios manuais considerados de pouco valor, que a maioria dos humanistas parecia ignorar. Promover as “artes mecânicas” também significava valorizar os artesãos que as elites tendiam a desprezar.

As pequenas escolas da diocese

Em 1606, havia quinze escolas para meninos na diocese, onde se ensinava gramática, literatura e catecismo. Aparentemente, isso era pouco. Na realidade, a alfabetização era bastante difundida nas paróquias; cursos curtos eram organizados em determinadas épocas do ano, especialmente no inverno, graças a acordos temporários com professores e, principalmente, graças à boa vontade dos párocos e vice-párocos.

O ensino era elementar e consistia, em primeiro lugar, em aprender a ler por meio de uma cartilha. O professor geralmente não tinha seu local próprio, mas usava qualquer cômodo, um estábulo ou uma estrebaria. Às vezes, “suas aulas, ministradas ao ar livre, mesmo a uma altitude de até 1500 ou 2000 metros, com os alunos sentados numa pedra, numa carroça, num tronco de abeto ou nos braços de um arado; não ficavam privados de fascínio e originalidade”.

Como se pode imaginar, os professores eram geralmente recrutados entre o clero diocesano e os religiosos. No testamento de um tal Nicolau Clerc, está estipulado que o serviço paroquial “deve ser realizado por um diretor capaz de instruir os jovens até a gramática, inclusive”; se ele “se desviar e negligenciar o ofício divino ou a instrução dos jovens, depois de ser admoestado três vezes” e

“encaminhado ao bispo”, ele será privado de sua renda e substituído por outro clérigo.

Em 1616, o bispo aceitou o pedido dos dirigentes da cidade de Bonne, que lhe imploravam que lhes fornecesse um religioso de um convento vizinho, encarregando-o de “instruir os jovens nas letras e na piedade”, “em vista do grande fruto e da utilidade que pode derivar disso, tendo em vista a boa instrução que ele começou a dar aos jovens da referida cidade e de sua vizinhança, que pretendem enviar seus próprios filhos para lá”.

Os colégios

A educação secundária oferecida nos colégios da Saboia originou-se principalmente do desenvolvimento das escolas primárias, que, graças a doações, puderam acrescentar aulas de latim, gramática e artes plásticas.

O Bispo interveio para salvar o colégio de La Roche, onde ele havia feito seus primeiros estudos de gramática. O colégio nem sempre teve dias tranquilos. Em 1605, Francisco de Sales escreveu aos cônegos da igreja colegiada para silenciar “a opinião pessoal” de alguns, implorando que “garantissem novamente o consenso geral”: “você podem e devem contribuir”, escreveu ele, “não apenas com suas vozes, mas também com suas advertências e com o trabalho de convencimento, pois a construção e a preservação deste colégio servirão à glória de Deus e da Igreja”, e também proporcionarão “o bem desta cidade”. O propósito espiritual estava, sim, em primeiro lugar, mas o bem temporal não era esquecido.

Em Annecy, o bispo acompanhou de perto a vida do colégio fundado por Eustáquio Chappuis, no qual ele mesmo havia estudado de 1575 a 1578. As dificuldades que estava enfrentando provavelmente o levaram a visitar esse instituto com frequência. Além disso, a presença do bispo era uma honra muito procurada, especialmente por ocasião de disputas filosóficas, para as quais era convidado o “monsenhor, o reverendíssimo bispo de Genebra”.

Os registros das decisões do colégio indicam sua presença por ocasião de discussões, bem como intervenções para apoiar solicitações ou para redigir contratos com professores. De acordo com uma testemunha, o bispo ia até lá de manhã cedo para participar de “eventos públicos, disputas, apresentações de eventos históricos e outros exercícios, para incentivar os jovens e, em particular, disputas públicas em filosofia no final dos cursos”. A mesma testemunha acrescenta: “Muitas vezes eu o vi participar pessoalmente de disputas filosóficas”.

Na realidade, de acordo com um dos professores da época, “a literatura refinada e a moral saudável haviam perdido muito de seu brilho” e a renda havia diminuído. A administração estava sofrendo choques. O bispo sonhava com uma

direção nova e estável para o colégio, que lhe parecia “quase como um terreno baldio”.

Em 1613, ao passar por Turim, sugeriram-lhe o nome de uma nova congregação que estava navegando de vento em popa: os Barnabitas. Em Milão, ele se encontrou com o superior geral deles e o acordo foi concluído. Em dezembro de 1614, ele assinou o contrato para que os Barnabitas entrassem no Colégio Chappuis.

Francisco de Sales ficou tão satisfeito com os Barnabitas que, como já dissemos, chamou-os sem demora para Thonon. Em abril de 1615, ele pôde escrever a um amigo: “Certamente, nossos bons Barnabitas são realmente pessoas muito boas: mais doces do que se pode dizer, complacentes, humildes e gentis, muito mais do que é moda em seu país”. Consequentemente, ele sugeriu que eles também deveriam vir para a França:

Para mim, acho que, um dia, eles serão de grande utilidade para a França, porque fazem o bem não apenas pela instrução da juventude (o que não é tão necessário em um país onde os padres jesuítas fazem isso de forma tão excelente), mas cantam em coro, ouvem confissões, dão catecismo até mesmo nas aldeias para as quais são enviados, pregam; em uma palavra, fazem tudo o que pode ser desejado, fazem-no com muita cordialidade e não pedem muito para seu sustento.

Em 1619, ele se envolveu em negociações para que os Barnabitas assumissem o controle do colégio em Beaune, na Borgonha. Como esse acordo fracassou, eles puderam se estabelecer em Montargis no ano seguinte.

Estudos superiores

Por não poder contar com grandes cidades e ver sua estabilidade frequentemente ameaçada, o Ducado de Saboia não tinha sua própria universidade. Os alunos que tinham condições de fazê-lo iam estudar no exterior. Luís, o irmão de Francisco de Sales foi enviado a Roma para estudar direito. Na França, havia estudantes da Saboia em Montpellier, onde estudavam medicina, e em Toulouse, onde estudavam direito.

Em Avinhão, o cardeal de Brogny, da Saboia, fundou uma faculdade em seu palácio para receber gratuitamente 24 estudantes de direito, dos quais 16 eram da Saboia. Infelizmente, os saboianos perderam as vagas reservadas para eles. Em outubro de 1616, Francisco de Sales fez várias tentativas com o Duque de Saboia e também em Roma para encontrar “algum remédio eficaz contra as desordens que ocorreram na mesma faculdade” e para que as vagas na faculdade fossem

devolvidas aos “súditos de Vossa Alteza”. Por ocasião de sua última viagem, que o levou a Avinhão em novembro de 1621 e antes de finalmente terminá-la em Lião, ele conversou longamente com o vice-legado do papa para defender mais uma vez os interesses da Saboia no colégio.

Os estudantes da Saboia podiam ser encontrados até mesmo em Lovaina, onde Eustáquio Chappuis havia fundado um colégio para os saboianos que frequentavam a universidade. O bispo de Genebra mantinha contato constante e amigável com Jacques de Bay, presidente do colégio; em várias ocasiões, Francisco de Sales escreveu a ele para recomendar aos que iam para lá que se colocassem, como ele dizia, “sob suas asas”. Nos casos em que os pais encontravam dificuldades para arcar com os custos, ele dizia que estava pronto para reembolsá-los. Ele acompanhava seus alunos: “Estude mais e mais”, escreveu a um deles, “com espírito de diligência e humildade”. Também possuímos uma carta de 1616 para o novo presidente da faculdade, João Massen, em favor de um estudante de teologia, seu próprio parente, cujo “progresso nas letras e na virtude” ele esperava.

Escolas para meninas?

Tudo o que foi dito até agora diz respeito apenas à educação de meninos. Era somente para eles que as escolas existiam. E para as meninas? Na época de Francisco de Sales, as únicas instituições que podiam oferecer ajuda às famílias nesse sentido eram os mosteiros femininos, que, no entanto, estavam preocupados principalmente com o recrutamento. Joana de Sales, a última filha da Madame de Boisy, foi enviada para o mosteiro em 1605, “para mudar de ares e adquirir o gosto pela devoção”. Ela entrou aos 12 anos, mas como não sentia nenhuma atração pela vida religiosa, não é razoável, afirmou Francisco de Sales, “deixar por tanto tempo em um mosteiro uma jovem que não pretende ficar lá para sempre”. Ela foi retirada já em seu segundo ano.

Mas o que fazer se o mosteiro estava fechado para elas? Havia a solução das Ursulinas, que estavam começando a ser conhecidas como uma congregação para a educação da juventude feminina. Elas estavam presentes na capital francesa desde 1608. O bispo incentivou sua vinda para Chambéry, escrevendo em 1612 que “seria muito bom se houvesse Ursulinas em Chambéry, e eu gostaria de contribuir fazendo algo para isso”; “três filhas ou mulheres corajosas seriam suficientes para começar”, acrescentou. A fundação não seria realizada na antiga capital da Saboia até 1625.

Em 1614, ele pôde se alegrar com a recente chegada das Ursulinas em Lião, “uma das congregações”, disse ele, “que meu espírito mais ama”. Ele também as queria em sua diocese, especialmente em Thonon. Em janeiro de 1621, ele

escreveu à superiora das Ursulinas de Besançon para tentar incentivar esse projeto, porque, escreveu ele, “sempre amei, estimei e honrei as obras de grande caridade que sua congregação costuma praticar e, portanto, sempre desejei profundamente sua difusão também nesta província de Saboia”. O projeto, no entanto, só pôde ser implementado em 1634.

A educação de moças nos mosteiros da Visitação

Quando, a partir de 1610, Francisco de Sales fundou com Joana de Chantal o que viria a se tornar a Ordem da Visitação, logo surgiu a questão da admissão e da educação de moças destinadas ou não à vida religiosa. Conhecemos o caso da filha da Senhora de Chantal, a alegre e coquete *Franceschetta [Francisquinha]*, que tinha apenas onze anos de idade quando sua mãe, querendo que ela se tornasse religiosa, levou-a consigo para a casa que se tornaria o lar da primeira visitandina. Mas a menina devia seguir outro caminho. As meninas enviadas aos mosteiros contra sua vontade não tinham escolha a não ser se tornarem insuportáveis.

Em 1614, uma menina de nove anos, filha do guardião do castelo de Annecy, foi aceita no primeiro mosteiro da Visitação. Aos catorze anos, por meio de insistência, foi autorizada a vestir o hábito religioso, mas sem ter os requisitos para ser noviça. Doente com uma doença pulmonar, ela despertou a admiração do fundador, que sentiu “uma incrível consolação ao encontrá-la indiferente à morte e à vida, em uma atitude suave de paciência e com um rosto sorridente, apesar da febre muito alta e das muitas dores que sofria”. Como seu único consolo, ela pediu que lhe fosse permitido fazer sua profissão antes de morrer”. Muito diferente, no entanto, foi outra companheira, uma jovem de Lião, filha do principal comerciante e grande benfeitor, que se tornou insuportável na comunidade, a ponto de a Madre de Chantal ter que corrigi-la.

Na Visitação, em Grenoble, uma menina de 12 anos pediu para morar com as religiosas. À superiora, que hesitava em aceitar essa “rosa” que poderia ter alguns espinhos, o fundador aconselhou com um sorriso e um toque de astúcia:

É verdade que essas jovens dão algumas dores de cabeças, mas o que fazer? Neste mundo, nunca encontrei um bem que não custasse algo. Devemos organizar nossas vontades de modo que não busquem confortos ou, se os buscarem e os desejarem, saibam se adaptar serenamente às dificuldades que são sempre inseparáveis dos confortos. Neste mundo, não temos vinho sem borra. Portanto, devemos calcular bem. É melhor termos espinhos em nosso jardim para podermos ter rosas ou não termos rosas para não termos espinhos? Se isso trouxer mais bem do que mal, será bom admiti-la; se trouxer mais mal do que bem, não deve ser admitida.

No final, o Fundador foi muito circunspecto quanto à admissão de moças nos mosteiros da Visitação, devido à incompatibilidade com o modo de vida das religiosas.

De fato, a Visitação não havia sido concebida nem desejada para tal obra: O Fundador escreveu à superiora de Nevers, “Deus não escolheu seu instituto para a educação de meninas, mas para o aperfeiçoamento das mulheres e moças que são chamadas a ele na idade em que já são capazes de responder pelo que fazem”. Ele estava bem ciente de que a vida no mosteiro dificilmente poderia proporcionar um ambiente adequado para o desenvolvimento das meninas: “Não só a experiência, mas também a razão nos ensina que meninas tão jovens, colocadas sob a disciplina de um mosteiro, geralmente desproporcional para sua idade, começam a detestá-lo e odiá-lo”.

Apesar de algum arrependimento, Francisco de Sales não se tornou o fundador de um instituto dedicado à educação. No entanto, é fato que seus esforços em favor da educação e da instrução de meninos e meninas, em todas as suas formas, foram numerosos e árduos. O principal motivo que o guiou foi espiritual, especialmente quando se tratava de manter a juventude longe do “veneno da heresia”, e nesse aspecto ele teve bastante sucesso, à medida que a Reforma Católica ganhava terreno; entretanto, ele não negligenciou o bem temporal de educar a juventude para o benefício da sociedade.